

# MANUAL DO PROFESSOR

## Quarteto mágico

Murilo Rubião

José J. Veiga

Campos de Carvalho

Victor Giudice

ORGANIZAÇÃO: Miguel Conde



Elaborado por  
**Maria Antonieta Pereira**

Doutorado em Literatura Comparada (FALE/UFMG),  
Pós-doutorado na Universidade de Buenos Aires  
(Argentina) e na Universidade de Ottawa (Canadá)

## Sumário

Introdução	3
<b><i>Proposta de leitura da obra</i></b>	4
<b><i>Material de apoio da pré-leitura da obra</i></b>	4
<b><i>Leituras de Murilo Rubião</i></b>	
O pirotécnico Zacarias	5
O ex-mágico da Taberna Minhota	6
Teleco, o coelhinho	7
<b><i>Leituras de José J. Veiga</i></b>	
Os cavalinhos de Platiplanto	8
A usina atrás do morro	9
Acidente em Sumaúma	9
<b><i>Leituras de Campos de Carvalho</i></b>	
Os trilhos	11
Espantalho habitado de pássaros	12
<b><i>Leituras de Victor Giudice</i></b>	
O arquivo	13
A peregrinação da velha Auridéa	14
Narrativa do Número Um	14
O hotel	16
<b><i>Material de apoio da pós-leitura das obras</i></b>	16

# Quarteto mágico

Murilo Rubião, José J. Veiga, Campos de Carvalho e Victor Giudice | ORGANIZAÇÃO: Miguel Conde

## Introdução

Caro(a) educador(a),

Você sabe que formar leitores deve ser nossa tarefa permanente, especialmente num país como o nosso, em que amplos setores da população ainda não têm um hábito de leitura consolidado. Nesse caso, é imprescindível que tenhamos mediadores de leitura dispostos a contribuir para que o leitor em formação seja capaz de refinar, cada vez mais, sua percepção do material escrito. Isso significa que um(a) mediador(a) de leitura precisa conhecer em profundidade os recursos que o próprio texto lhe oferece para ser bem lido, ou seja, para ser bem recebido pelo(a) educando(a).

Noutras palavras, o próprio texto indica como deve ser lido, especialmente se se trata de uma obra literária. As obras literárias, em geral, são uma fonte contínua de um tipo de aprendizado diferente, pois ensinam (sem parecer que ensinam), encantam (sem explicitar que encantam), provocam uma visão crítica sobre a realidade (sem exigir atitudes de pura racionalização) e, assim, vão modificando valores e comportamentos. Mediar uma leitura é, sobretudo, servir de ponte, ainda que vulnerável e provisória, entre um sujeito e seu *eu* mais profundo projetado no espelho de um livro.

Assim, *formar leitores* é modificar comportamentos por causa da leitura de um livro: deslocar pontos de vista, ressaltar minúcias, iluminar obscuridades, questionar lugares-comuns, considerar opiniões, juntar separações, enlaçar discontinuidades, aproximar o escrito do vivido por ele, leitor, por ela, leitora.

Portanto, *mediar leituras* é contribuir para que os sinais gráficos de uma página ecoem significativamente no coração e na mente daqueles que, não sendo personagens da obra lida, são capazes, contudo, de *se colocar no lugar deles* e compreender suas demandas, seus medos e afetos, suas esperanças e alegrias.

A *empatia* entre sujeitos e obras é requisito indispensável à formação de leitores, contribuindo para o surgimento de observadores capazes de perceber o mundo que os cerca de forma crítica, amorosa, solidária, cidadã.

Considerando tudo isso, dirigimos a você, educador(a), algumas propostas de leitura que podem servir de ponto de partida – mas nunca de chegada – para sua própria percepção da pequena obra-prima que está em suas mãos. Esperamos que você, com a sensibilidade e a seriedade que lhe são peculiares, possa ler os contos de *Quarteto mágico* como se estivesse lendo a si mesmo, a seus alunos, ao mundo. E assim, vivenciando essas narrativas, você consiga despertar nos jovens estudantes do Ensino Médio o desejo de também se deixarem penetrar pelo mundo encantado da ficção, para refletir e atuar, com propriedade, sobre os mistérios e os desafios que a chamada realidade colocar em seu caminho.

Boa leitura para você e seus alunos!

Neste manual, existem alguns recursos cujo objetivo é contribuir para a recepção prazerosa e crítica da obra, a saber:

- a. material de apoio à pré-leitura;
- b. informações biográficas e bibliográficas contextualizando autores e obras;
- c. indicações do gênero literário e dos temas contemplados;
- d. sugestões e orientações de atividades de leitura e produção de texto, considerando a intertextualidade e a interdisciplinaridade;
- e. proposição de subsídios;
- f. material de apoio à pós-leitura.

## Material de apoio da pré-leitura das obras

1. Analisar o título a partir do significado de suas palavras – *quarteto* e *mágico* – e explorar as inferências e expectativas de leitura daí advindas.
2. Recordar aos estudantes a existência de gêneros literários e fazer uma revisão das características do gênero *conto*: narrativa curta, desenvolvida num clima de tensão, em ritmo acelerado e, muitas vezes, explorando o recurso do clímax, que, em geral, coincide com o final do relato. Presença de unidade de ação, tempo e espaço. Revisar com os alunos, também, as características do gênero *novela*<sup>1</sup>, tendo em vista que, em *Quarteto mágico*, o texto “Espantallo habitado de pássaros”, de Campos de Carvalho, constitui um exemplar desse gênero literário.
3. Convidar os alunos a manusear o livro, identificando suas quatro partes que têm como título o nome próprio de quatro contistas brasileiros: Murilo Rubião, José J. Veiga, Campos de Carvalho e Victor Giudice.
4. Percorrer, junto com os estudantes, as informações paratextuais, salientando:
  - 4.1. diferença entre autor, organizador, prefaciador e narrador de uma obra;
  - 4.2. relações entre o sumário (p. 5) e a primeira publicação de cada um dos contos (p. 173/174);
  - 4.3. importância da leitura do prefácio, em busca de elementos que contribuam para uma recepção crítica da obra.
5. Fornecer aos alunos informações básicas sobre “literatura fantástica” e “realismo mágico”, a fim de que possam compreender melhor o prefácio e utilizá-lo como uma ferramenta de recepção de *Quarteto mágico*.

---

<sup>1</sup> Situada entre o conto e o romance, a novela apresenta características próprias, especialmente no que diz respeito à existência de estórias simultâneas, o que vai resultar em variabilidade de tempo/espaço/personagens. (<https://portugues.uol.com.br/literatura/novela.html>).

6. Realizar a leitura do prefácio, em voz alta e junto com os alunos, considerando que se trata de um texto complexo para estudantes do Ensino Médio. Esclarecer os jovens a respeito de conceitos próprios da Teoria da Literatura ou da Filosofia (como *verossimilhança* e *silogismo*), informá-los quanto ao significado de termos incomuns (*non sequitur*, *non sense*, *looping*, etc.) e introduzi-los numa forma superior de recepção da obra literária, por meio da prática frequente da intertextualidade e da interdisciplinaridade.
7. Desenvolver, junto com os estudantes, a leitura comentada da biografia do autor que inicia cada uma das quatro partes de *Quarteto mágico*, objetivando motivá-los para a ficção que vem a seguir.

## Leituras de Murilo Rubião

**Murilo Rubião** (1916-1991) formou-se em Direito em Belo Horizonte, onde colaborou com o jornal *Folha de Minas* e a revista *Belo Horizonte*. Em 1947, publicou sua obra de estreia: *O ex-mágico*. Foi diretor da Rádio Inconfidência e da Imprensa Oficial de Minas, onde criou, em 1966, o *Suplemento Literário*. Foi também chefe de gabinete de Juscelino Kubitschek no governo de Minas Gerais.

### O pirotécnico Zacarias

- Publicado em livro pela primeira vez em 1974, numa coletânea de contos de Murilo Rubião, era considerado um dos preferidos do autor.
- Gênero - conto.
- Temas - vulnerabilidade dos jovens; respeito à diferença.

1. Discutir o significado de *pirotecnia* e estimular inferências sobre os possíveis temas do relato.
2. Examinar a epígrafe (citação bíblica como chave de leitura do conto).
3. Analisar o estranhamento provocado pelo confronto entre o primeiro, o segundo e o quinto parágrafo do conto: afinal, o narrador está vivo ou morto?
4. Observar a repetição do trecho a seguir e solicitar aos alunos que expliquem o efeito causado no leitor pelo uso desse recurso ficcional, considerando inclusive a policromia nele presente.

“A princípio foi azul, depois verde, amarelo e negro. Um negro espesso, cheio de listras vermelhas, de um vermelho compacto, semelhante a densas fitas de sangue. Sangue pastoso com pigmentos amarelados, de um amarelo esverdeado, tênue, quase sem cor.” (p. 22 e 23)

5. Examinar o papel da cor branca no “delírio policrômico” (p. 27) do narrador. Retomar o termo “pirotécnico” do título, relacionando-o com a policromia vista ou imaginada pelo narrador.
6. Mostrar aos alunos exemplos de *necrológio* e solicitar que redijam uma nota sobre o narrador, atendendo a seu desejo.

## O ex-mágico da Taberna Minhota

- Conto muito importante na obra de Rubião, já que deu nome ao primeiro livro do autor, *O ex-mágico*, publicado em 1947. O conto foi, posteriormente, incluído nos livros *Os dragões e outros contos* (1965), *O pirotécnico Zacarias* (1974) e *O homem do boné cinzento e outras histórias* (1990).
- Gênero – conto.
- Temas – projetos de vida; o jovem no mundo do trabalho.

1. Desenvolver a leitura compartilhada da narrativa, observando sua construção a partir do uso de recursos ficcionais, tais como imprevisibilidades do enredo e do desfecho, unidade de ação/tempo/espaço, concisão, conflito principal, etc. Retomar o sentido da palavra *mágico*, usada, nesse caso, como substantivo.
2. Ressaltar a epígrafe (citação bíblica) como uma das chaves de leitura do conto.
3. Discutir os projetos de vida dos alunos, traçando um perfil da personagem principal, a partir das frases a seguir:

“Hoje sou funcionário público e este não é o meu desconsolo maior.” (p. 29)

“Com o crescimento da popularidade a minha vida tornou-se insuportável.”  
(p. 31)

“Hoje, sem os antigos e miraculosos dons de mago, não consigo abandonar a pior das ocupações humanas.” (p. 35)

4. Analisar as reações das personagens secundárias frente aos atributos de magia da personagem principal, com o objetivo de desenvolver nos estudantes uma percepção mais apurada da realidade que os cerca, tendo em vista sua autolocalização no mundo.
5. Tendo em vista as datas fornecidas pelo conto – “1930, ano amargo.” (p. 33) e “1931 entrou triste, com ameaças de demissões coletivas na Secretaria e a recusa da datilógrafa em me aceitar.” (p. 34) –, desenvolver uma leitura interdisciplinar, dialogando com as áreas de História, Sociologia e a própria biografia do autor (p. 19), considerando sua luta contra o Estado Novo de Vargas (Revolução de 30) e o clima de medo e desconfiança que perpassa sua obra, escrita em grande parte sob a ditadura militar inaugurada em 1964.

## Teleco, o coelhinho

- O título do conto lembra histórias da literatura infantil, mas é um recurso de ironia do autor, tendo em vista que a narrativa aborda temas complexos e profundamente críticos em relação ao comportamento dos humanos.
- Gênero – conto.
- Temas – inquietações da juventude; respeito à diferença.

1. Desafiar os alunos a produzirem inferências, estabelecendo relações entre o título do conto – que lembra a literatura infantil – e a epígrafe bíblica.
2. Com base na experiência de leitura dos contos anteriores, avançar nas hipóteses a respeito das características de Teleco, personagem principal.
3. O coelhinho revela-se como um apaixonado contador de histórias fantásticas, além de metamorfosear-se em outros animais. Discutir essas qualidades da personagem, relacionando-as à própria função do escritor de histórias fantásticas.
4. Enumerar as razões pelas quais o narrador rejeita o coelhinho sob a forma de um canguru. Destacar a necessidade de se respeitar a alteridade.
5. Examinar como o surgimento da personagem “jovem mulher” adensa os conflitos entre o narrador e Teleco, que afirma ser um homem.
6. Problematizar o retorno de Teleco à casa do narrador após ter sido expulso por ele.
7. Morto nos braços do narrador, o coelhinho se revela como “uma criança encardida, sem dentes”. Rer o conto, observando as características de uma criança, como pistas de leitura, que se encontram presentes na personagem desde o início da narrativa. Identificar o final do conto como o clímax da história.

## Leituras de José J. Veiga

**José J. Veiga** (1915-1999) publicou seu primeiro livro em 1959, aos 44 anos: *Os cavalinhos de Platiplanto*. Formado em Direito, foi jornalista na *Tribuna da Imprensa* e n’*O Globo*. Morou em Londres de 1945 a 1950, onde colaborava com a BBC. Foi tradutor e redator da *Reader’s Digest* e dirigiu o setor editorial da Fundação Getúlio Vargas. Recebeu o Jabuti pelo livro *De jogos e festas* (1981) e o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra (1997).

## Os cavalinhos de Platiplanto

- Essa narrativa foi publicada pela primeira vez em 1959, dando nome ao livro de estreia do escritor. A história é narrada por um menino, o que é importante para surtir o efeito do fantástico, “pois legitima a contaminação recíproca entre os planos do cotidiano e do onírico”<sup>2</sup>. O autor recebeu o Prêmio Fábio Prado, um dos mais importantes do Brasil, pelo seu livro de estreia.
- Gênero – conto.
- Temas – protagonismo juvenil; ficção, mistério e fantasia.

1. Levantar hipóteses sobre o nome *Platiplanto* – seria uma pessoa? Um lugar? Uma raça de cavalos? Um aplicativo?
2. Levar os alunos a identificar e comparar os recursos criados pelo narrador para evitar a lancetagem do pé e as estratégias de seu avô para que a lancetagem ocorresse, apontando como isso exacerba o caráter ficcional do conto.
3. Com base na narrativa de experiências pessoais de perda, incentivar a identificação dos estudantes com o garoto do conto, que se vê obrigado a lidar com a ausência do avô e a perda de um cavalinho apenas prometido.
4. Estimular a imaginação dos leitores quanto à descrição dos bichos-fera que ameaçam o tocador de bandolim. Solicitar descrições de como seriam esses bichos-fera, relacionando-os aos monstros típicos da cultura digital contemporânea.
5. Mostrar o caráter ficcional dos cavalinhos que, além de serem de todas as cores, também sabiam trotar/dançar em conjunto e só existiam na imaginária fazenda do Major.
6. Tendo em vista que o personagem principal prefere não contar aos outros sobre a existência dos cavalinhos, solicitar aos alunos que relatem histórias por eles vividas mas não compartilhadas, por temor do julgamento alheio.

---

<sup>2</sup> DANTAS, Gregório Foganholi. (<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5759227.pdf>).



## A usina atrás do morro

- Esse conto foi publicado no livro de estreia de José. J. Veiga, *Os cavalinhos de Platiplanto*, em 1959. Trata-se de uma narrativa que explora o *insólito*: eventos que não são sobrenaturais, “mas apenas estranhos, extraordinários”<sup>3</sup>.
- Gênero – conto.
- Temas – o jovem no mundo do trabalho; cidadania.

1. Destacar o clima de mistério e desconfiança que abre a narrativa, com a chegada do casal de estrangeiros a uma cidade do interior.
2. Comentar o trecho “O que me preocupou desde o início foi eles nunca rirem.” (p. 62), incentivando uma discussão sobre a importância do sorriso e do riso na cultura brasileira. Solicitar uma lista de comportamentos e atributos típicos da nossa população.
3. Mostrar como as personagens lutam para exercer sua cidadania na tentativa de resistir à invasão dos estrangeiros que roubam suas riquezas naturais, adulteram sua cultura e instalam o ódio entre vizinhos e amigos. Verificar se há fatos semelhantes na vida nacional da atualidade.
4. Considerando que, na biografia do autor, sua obra é mencionada como “alegoria sobre a repressão da ditadura militar” (p. 50), examinar as estratégias de autodefesa articuladas pela população no que se refere ao casal de invasores.
5. Analisar a frase “Mas a esperança, por menor que seja, é uma grande força.” (p. 77), confrontando-a com o fato de o narrador encontrar caixas de dinamite.
6. Comparar essa esperança com a capitulação do narrador ao final do conto.

## Acidente em Sumaúma

- O conto foi publicado na obra *A estranha máquina extraviada*, em 1968, ano de grandes rebeliões da juventude no mundo e no Brasil: luta contra a guerra do Vietnã, movimento dos negros contra o racismo, lutas feministas, movimento *hippie*, etc. E, no Brasil, também havia a luta contra a ditadura militar iniciada em 1964. Estabelecendo um clima em que imperam “a dúvida, a perplexidade”<sup>4</sup>, o conto trata da prisão, tortura e morte de homens e animais, numa remissão profundamente crítica à realidade brasileira.
- Gênero – conto.
- Temas – *bullying* e respeito à diferença; diálogos com a Sociologia e a Antropologia.

<sup>3</sup> SILVA, Geralda Rosa da. ([https://letras.catalao.ufg.br/up/508/o/Monografia\\_eralda.pdf](https://letras.catalao.ufg.br/up/508/o/Monografia_eralda.pdf)).

<sup>4</sup> TURCHI, Maria Zaira. (<http://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/30065/18650>).

1. Ler e refletir com os alunos sobre a cena de tortura do lobo, no início do conto, que mostra como o *bullying* mais covarde e radical afeta também os não humanos, destacando a violência e a indiferença com que os humanos tratam as outras espécies. Explicar a existência do *especismo* (preconceito contra espécies não humanas), ressaltando que os animais nos permitem a experimentação mais radical da diferença. Exemplificar o especismo presente em personagens do conto: o pontapé no cão sob a mesa e o abuso da bezerra (p. 86), o roubo do burro do mascate e os possíveis maus tratos infligidos a ele (p. 87/88).
2. A partir da frase “Um lobo amarrado numa estaca, atacado por dez, doze homens armados de porrete e vara de ferrão, e mais uns quatro cachorros de costas quentes lembra uma criança entre feras longe da mãe.” (p. 80), estimular a narrativa de casos de tortura, morte e abuso de animais no cotidiano de cada aluno. Também incentivar o relato de acontecimentos em que os animais foram resgatados de uma situação de sofrimento e acolhidos/amados como sujeitos de direito. Debater a importância de se ter uma atitude de respeito relativamente a toda e qualquer forma de vida.
3. Avançar nessa discussão, solicitando aos alunos que relatem seus embates e encontros com a diferença entre os próprios humanos, no que tange a etnias e raças, crenças políticas e religiosas, deficiências físicas e transtornos mentais, práticas sexuais, faixa etária, etc.
4. Propor que redijam um “código de ética” que contenha, pelo menos, três regras que deveriam ser seguidas por todos os humanos, seja nas relações interpessoais, seja nas relações com outros animais.
5. Mostrar que a cena do lobo é uma pista de leitura do que vai acontecer com o mascate, personagem principal da história, a partir das ordens proferidas por Seu Viriates, o fazendeiro de Sumaúma.
6. Analisar o epílogo do conto e da vida do mascate, relacionando-os ao título do conto.

## Leituras de Campos de Carvalho

**Campos de Carvalho** (1916-1998) formou-se em Direito em São Paulo e trabalhou como advogado e procurador do Estado. Viveu de 1940 a 1960 no Rio de Janeiro. Rejeitava seus dois primeiros livros e considerava o romance *A lua vem da Ásia*, de 1956, sua verdadeira obra de estreia. Colaborou com os jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Pasquim*, nos quais publicou crônicas e cartas enviadas a si mesmo durante uma viagem pela Europa, reunidas no livro póstumo *Cartas de viagem e outras crônicas* (2012).

## Os trilhos

- O conto a seguir foi publicado em 1960, na revista *Senhor*, n. 11, e constitui um exemplo de ficção surrealista no âmbito da literatura brasileira.
- Gênero – conto.
- Temas – inquietações da juventude; a vulnerabilidade dos jovens.

1. Ler o trecho da entrevista no rodapé desta página<sup>5</sup>, que visa despertar o interesse dos estudantes pelo autor e sua obra.
2. Comentar a frase que inicia o conto, “... como num caleidoscópio.” (p. 97), a qual parece ser a continuação de algo anterior, que permanece na penumbra, informação a que não temos acesso. Estimular hipóteses de leitura da obra.
3. Esclarecer o significado de *caleidoscópio* (instrumento ótico que serve para criar efeitos visuais simétricos com o auxílio de um conjunto de espelhos e vidros coloridos) e tomar esse objeto como metáfora do narrador.
4. Associar a declaração da personagem “Um par de patins é tudo que tenho” (p. 97) à sua autoimagem: “sou uma locomotiva sem trilhos” (p. 97), desafiando os leitores a verbalizarem hipóteses a respeito das características do narrador.
5. Analisar o parágrafo cujo início é “Pelo visto, fui professor.” (p. 99), considerando os elementos de metalinguagem nele presentes.
6. Direcionar a análise do conto no sentido de favorecer a explicitação e a discussão dos *problemas de identidade* que afetam os jovens, a partir das seguintes afirmativas do narrador:

“Minha tábua de salvação é o momento presente” (p. 100)

“coisa eu sou e eles sabem disso, sem passado e sem futuro.” (p. 100)

“O que sou mesmo é um feto reversivo” (p. 100)

“sinto a presença de uma vida paralela à minha e no entanto inacessível, como se eu fora um palimpsesto” (p. 102)

“Sou uma máquina infernal, posso explodir a qualquer instante”. (p. 102)

“esse zero que usa o meu nome e que sou eu” (p. 109)

7. Considerando que o narrador observa o mundo “pela fresta de uma vulva” (p. 100) e o passado “entre relâmpagos como uma fenda num muro coberto de pátina” (102), examinar como se dá a relação desse sujeito com a realidade, ou seja, como ele busca *os trilhos*. Relacionar esse debate com o título da obra.

<sup>5</sup> O repórter Edney Célio Silvestre afirma sobre Campos de Carvalho: “Este homem é um maldito – Há quem o considere o fenômeno mais importante das artes no Brasil. A cultura oficial, entretanto, ignora-o. Os críticos temem escrever a seu respeito. Os leitores o consideram um louco, mas seus livros estão esgotados.” (SILVESTRE, Edney Célio. *O Cruzeiro*, 30 out. 1969, p. 42-44.)

8. Identificar, junto com os estudantes, os recursos interdisciplinares e intertextuais na construção do conto, como a equação (p. 107) e a frequente citação do zero, que remetem à Matemática, ou a busca de Desdêmona, personagem que recorda a figura homônima da peça *Otelo, o mouro de Veneza*, de William Shakespeare.

## Espantalho habitado de pássaros

→ Publicado na coletânea *Os dez mandamentos* (1965), esse texto dialoga com o conto “Os trilhos”, na medida em que o narrador-personagem prossegue sua busca de Desdêmona, a qual, finalmente, encontra. Por seu enredo (muito bem articulado em 10 partes consecutivas) e por seus recursos narrativos (inclusive o tom seguro, maduro e amoroso com que o narrador-personagem busca e encontra a mulher desde sempre amada), trata-se de uma obra-prima da literatura brasileira.

→ Gênero – novela.

→ Temas – protagonismo juvenil; respeito à diferença; ficção, mistério e fantasia.

1. Mostrar aos alunos que essa novela desdobra um aspecto introduzido pelo conto anterior – “Os trilhos” –, na medida em que se constrói em torno da procura de Desdêmona por parte do narrador-personagem, realizando, portanto, um exercício complexo de intertextualidade, já que remete não só à peça de Shakespeare, mas também à obra do próprio Campos de Carvalho.
2. Oferecer aos alunos um resumo oral de *Otelo, o mouro de Veneza*, mostrando como seus temas variados – racismo, amor, ciúme, ódio, traição, poder, suicídio, assassinato – mantêm a atualidade da peça e dialogam com a literatura e o mundo contemporâneos, especialmente com a novela “Espantalho habitado de pássaros”.
3. Discutir as semelhanças entre a Desdêmona de Shakespeare e a personagem de Campos de Carvalho, considerando que ambas foram amadas profundamente. Examinar também as diferenças entre ambas, já que a primeira não traiu Otelo, mas foi assassinada por ele, enquanto a segunda foi resgatada do prostíbulo pelo narrador-personagem do conto.
4. Comparar a nudez real, na infância do narrador e de Desdêmona (p. 122), com a nudez figurada a que se refere o narrador adulto (p. 128), avaliando se ambas têm o mesmo significado.
5. Debater com os alunos o trecho a seguir, analisando os efeitos narrativos provocados pela ironia e pelos jogos de palavras nele presentes.

“Infecto não o ar propriamente mas os que o respiram, assim como eu e todos os filhos-família e pais de família aqui presentes, gente direita e gente da direita, sem nunca ter passado pela cadeia ou pelo manicômio – honestíssimos e respeitadores sempre que preciso, e quase nunca é preciso.” (p. 123).

6. Chamar a atenção dos alunos para o uso simultâneo, por parte do narrador, de uma ideia e seu contrário como forma de revelar a complexidade e a reversibilidade de seus pensamentos e sentimentos. Exemplos: “que nos dará de novo a inocência perdida e nunca perdida.” (p. 129); “esse nosso passado e que não passará nunca” (p. 129); “Uns santarrões é o que são; nem sequer uns pobres diabos: – uns pobres deuses.” (p. 135)
7. Examinar o desfecho da narrativa, utilizando-o para aprofundar a compreensão do intrigante título “Espantalho habitado de pássaros”.

## Leituras de **Victor Giudice**

**Victor Giudice** (1934-1997) estudou Estatística, pintou anúncios em cortinas de teatro, foi funcionário do Banco do Brasil e crítico musical. Publicou seu primeiro conto em 1969, no *Jornal do Escritor*, e fez sua estreia em livro em 1972, com *Necrológio*. Pelo livro *Salvador janta no Lamas* (1989), recebeu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte; e com *O Museu Darbot e outros mistérios* (1994) ganhou o Prêmio Jabuti.

### O arquivo

- Conto de abertura da obra *Necrológio* (1972). Escrito em plena ditadura militar, o conto aborda a exploração do trabalho e o arrocho salarial desse período, além de antever a “flexibilização trabalhista” contemporânea. Sendo o conto brasileiro mais traduzido e publicado no exterior, “O arquivo” é uma denúncia contundente da coisificação das pessoas.
- Gênero – conto.
- Temas – o jovem no mundo do trabalho; diálogos com a Sociologia e a Antropologia.

1. Observar que o nome da personagem principal é grafado com letra minúscula: “joão”. Desafiar os estudantes a buscarem, ao longo da leitura do conto, a razão dessa escolha.
2. Situar a ironia como forma de construção da narrativa, analisando passagens como a que se segue:

“Dois anos mais tarde, veio outra recompensa.  
O chefe chamou-o e lhe comunicou o segundo corte salarial.  
Desta vez, a empresa atravessava um período excelente. A redução foi um pouco maior: dezessete por cento.” (p. 141)
3. Ao final do conto, João se transforma num arquivo de metal. Discutir o sentido dessa mutação: ele obteve a aposentadoria desejada ou se tornou patrimônio da empresa?

4. Examinar características do trabalho escravo na sociedade contemporânea, especialmente no que tange ao primeiro emprego dos jovens.

## A peregrinação da velha Auridéa

- O conto foi publicado em *Necrológio* (1972), livro de estreia do autor. Inspirada em contos populares, a história apresenta a personagem Auridéa peregrinando em 13 igrejas sucessivas e distribuindo moedas mágicas.
- Gênero – conto.
- Temas – ficção, mistério e fantasia; diálogos com a Sociologia e a Antropologia.

1. Analisar o parágrafo a seguir, observando os recursos gráficos usados pelo autor a fim de sugerir a repetição exaustiva dos mesmos gestos por parte da personagem e, assim, caracterizá-la.

“A mulher arrastou os sapatos brancos na calçada, fez outro sinal da cruz, arrastou os sapatos brancos, fez outro sinal da, arrastou os sapatos, fez outro, arrastou, outro, arrastoutro, rastoutro, rastou, rastou.” (p. 146)

2. Identificar as semelhanças e diferenças entre os bruxos do conto – Auridéa e Sideral Fumaça – inclusive no que tange a seus nomes próprios.
3. Examinar os nomes das 13 igrejas citadas no conto (p. 148), observando a ironia com que o relato aborda certos valores cristãos como o sacrifício, o martírio e o milagre.
4. Nas p. 148-149, localizar os recursos gráficos que o autor utiliza para indicar o cansaço de Bartholomeu ao arrastar a pesada moeda encantada.
5. Problematizar se realmente era preciso que Bartholomeu destruísse o feitiço de Auridéa, esfaqueando-a no coração.
6. Ao receber a segunda moeda encantada, o pedinte descobre que ela é diferente da primeira, pois é feita de ouro e diminui de tamanho. Estimular inferências dos alunos relativas ao fato de Bartholomeu sair em busca de Sideral Fumaça, gesto que constrói o clímax do conto.

## Narrativa do Número Um

### (fragmentos do romance *Bolero*)

- Esse conto foi publicado pela primeira vez em *Os banheiros*, pela Codecri, 1979. O romance *Bolero* foi publicado pela Rocco, em 1985.
- Gênero – conto.
- Temas – protagonismo juvenil; ficção, mistério e fantasia.

1. Ler e comentar a epígrafe – “Fragmentos? De que vale conhecer quase todos se não conhecemos todos os quases?” (p. 151) –, considerando-a como um interessante jogo de palavras que propõe a leitura aprofundada, intensiva e extensiva do texto, ultrapassando-se a leitura de partes ou resumos deste.
2. Analisar a ambiguidade do título como recurso literário para desafiar/interessar o leitor. *O que ou quem* seria o Número Um, objeto da narrativa?
3. Mostrar como o narrador estimula o leitor a cumprir sua função textual, invocando-o a participar diretamente da narrativa e a opinar sobre os fatos nela desenvolvidos, por meio da repetição sistemática da expressão “Hem? Que tal?”.
4. Chamar a atenção dos alunos para perceberem que o narrador-personagem funciona, diante do pierrô, como eles, leitores, diante do conto. Provocar sua identificação com o aprendiz de pierrô, a fim de realizarem uma leitura de si mesmos usando essa ferramenta. Ressaltar as potencialidades e os desafios dos jovens em sua inserção no mundo do trabalho.
5. Estimular os alunos a usarem seus celulares em sala de aula para acessar números circenses e de mágica na internet e compartilhá-los com os colegas. Mostrar como a internet é uma ferramenta que, reunindo diversão e conhecimento, funciona ela mesma como um número de mágica científico-tecnológica.
6. Comentar a frase “O pensamento é punhal espetado no cérebro. As pessoas deixam de pensar porque não acreditam que um punhal espetado no cérebro possa não causar dor.” (p. 156). Mostrar que é preciso pensar de forma crítica e ousada, ainda que a consciência da realidade muitas vezes assuste os jovens. Encarar e questionar a realidade é condição fundamental para se educar como pessoa e crescer como cidadão.
7. Desafiar os alunos a defender – ou não – a possibilidade de se materializar o pensamento em objetos concretos, como a esfera de metal do pierrô branco.
8. Problematizar os trechos:

“A imaginação é o milagre do pensamento. Sabia? Claro que não. Você é igual a todos. Nunca pensou. Quanto mais imaginar. Imaginar é muito mais complexo. Tão complexo que chega a ser mais simples.” (p. 160)

“Sabe o que é ficção? É quase a mesma coisa que realidade. É uma realidade sem visões falsas. É isto que atrapalha. A ficção parece absurda porque é a realidade despojada de todas as mentiras.” (p. 161)
9. Discutir a tortura e a morte do Corsário (p. 166), por não ter denunciado o pierrô, considerando que ele era surdo-mudo. Relacionar esses fatos com os anos de chumbo da ditadura militar, época em que o conto foi escrito.

## O hotel

- Publicado pela primeira vez na obra *O Museu Darbot e outros mistérios*, pela Leviatã, em 1994. Com essa obra, Giudice recebeu a maior distinção literária do país, o Prêmio Jabuti de 1995, conferido pela Câmara Brasileira do Livro. O conto “O hotel” constitui uma metáfora política sobre o Brasil durante a ditadura instalada em 1964.
- Gênero – conto.
- Temas – inquietações das juventudes; diálogos com a Sociologia e a Antropologia.

1. Considerando que o conto foi proibido pela censura em 1972 (rodapé da p. 168), época da ditadura militar, propor sua leitura como uma metáfora da situação do Brasil nesse período. Comparar com o Brasil da atualidade.
2. Discutir as razões que levariam o gerente do hotel a permanecer oculto para os personagens, ao mesmo tempo que restringia progressivamente a liberdade de todos e provocava medo nos funcionários.
3. Analisar as restrições de direitos e o não cumprimento do que tinha sido acordado/oferecido pelo hotel como uma metáfora da transformação, do Brasil, de Estado de Direito (democracia) em Estado de Exceção (ditadura).
4. Identificar os sinais de pavor que vão acoissando a narradora em contraposição à rebelião de seu marido.
5. Analisar o clímax e o fim da narrativa, no sentido de situar a transformação de quem conta a história:

“Sei que meu marido nunca mais se levantará. Mas eu vou levantar. Por enquanto, é só o que posso fazer.” (p. 172)

## Material de apoio da pós-leitura das obras

ABUJAMRA, Antônio. *O arquivo* (vídeo). Contos da meia-noite. TV Cultura. Disponível em: <<https://bit.ly/2k0N8Ks>>. Acesso em: 10 maio 2018.

ALMEIDA, Tereza Virgínia de. Victor Giudice e o ritmo irresistível. *Organon*, revista do Instituto de letras da UFRGS, v. 31, n. 61, 2016. Porto Alegre: Ed. UFRGS.

COMENTÁRIOS sobre a obra literária “O arquivo” (vídeo). Projeto Obras Literárias. TV Imago Unioeste. Disponível em: <<https://bit.ly/2Go8YjX>>. Acesso em: 10 maio 2018.

COSTA, Carolina Veloso. O neobarroco em *Necrológio*, de Victor Giudice. *Anais do II Simpósio Pensar e Repensar a América Latina*. UFSC. Disponível em: <<https://bit.ly/2L2tmdL>>. Acesso em: 10 maio 2018.



FILHO, Raul Arruda. Desencontros com Walter Campos de Carvalho. Disponível em: <<https://bit.ly/2k50Uf8>>. Acesso em: 10 maio 2018.

RAMOS, João Eduardo Fernandes; PIASSI, Luís Paulo. O insólito e a física moderna: interfaces didáticas do conto fantástico. Disponível em: <<https://bit.ly/2L5MaZJ>>. Acesso em: 10 maio 2018.

SCOVILLE, Andre L. M. L. de. *Abrindo o arquivo: relações entre personagem e espaço nas narrativas de Victor Giudice*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 2004.

SILVESTRE, Edney Célio. Entrevista com Campos de Carvalho. *O Cruzeiro*, 30 out. 1969, p. 42-44.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

WILLER, Cláudio. Campos de Carvalho: prosador surrealista? Disponível em: <<https://bit.ly/2wO2POt>>. Acesso em: 10 maio 2018.

PROIBIDA A REPRODUÇÃO